

GEOGRAFIA E MEIO AMBIENTE NO CONCEITO DE ECOLOGIA INTEGRAL DA ENCÍCLICA LAUDATO SI

Francisco David Rodrigues¹

Resumo

O trabalho a seguir foi motivado pela esterilidade do discurso ecológico oficial, especializado ou não. Teremos como principal referencial teórico, a encíclica *Laudato Si*, do papa Francisco que, num tom profético (no que diz respeito a denúncia) debate o contexto atual do debate ecológico, mas não se limitando ao ambientalismo e sim, como ele diz, em direção á uma ecologia integral. Para tanto será fundamental discutir a forma de produção e consumo, a atividade das indústrias, o papel da religião na formação de um saber ambiental e a nova abordagem de Francisco de Assis frente ao mundo natural, o qual via como sacramento. Discutiremos a dimensão fundamental do cuidado e a consciência ambiental como um fator epistemológico.

Palavras-chave: Encíclica. Papa Francisco. Ecologia integral. Meio ambiente. Teologia. Geografia. Espiritualidade.

¹ Licenciando em Geografia/IFBa-SSA Grupo de Afeto e Investigação com a Terra (GAIA), Bacharel em Teologia/FAERPI-TR

“E plantou o Senhor Deus um jardim no Éden, na direção do Oriente, e pois nele o homem que havia formado. Do solo fez o Senhor Deus brotar toda sorte de árvores agradáveis á vista. “...E saía um rio de Éden para regar o jardim e dali se dividia, repartindo-se em quatro braços”.

Gênesis 2:8-10.

“Do ponto de vista existencial, o cuidado se acha a priori, antes de toda atitude e situação do ser humano, o que sempre significa dizer que ele se acha em toda atitude e situação de fato”.

Martin Heidegger, Ser e Tempo.

Introdução

Muitos autores e estudiosos defendem a tese de que a humanidade vive a sua maior crise em séculos; quem conhece a História e o processo evolutivo dos meios de produção e da técnica sabe que realmente fomos longe demais; mas ainda não é o fim. Vivemos numa tecnosfera, período que o geógrafo baiano Milton Santos classificou de técnico-científico-informacional, ainda que em certos lugares, mais do que em outros, em função de estarem em circuitos diferentes. Substituímos, como antecipou Hans Jonas, a ética pela técnica. O avanço da degradação dos ecossistemas, o aumento da fome e da desigualdade entre os homens, a exploração humana que é reflexo da exploração inadvertida dos recursos da terra vista como um processo inexorável do “progresso” que começa a partir da grande mudança de eixo impulsionada pela revolução industrial e pelo darwinismo social e biológico. Unido a isso podemos observar uma espécie de rejeição do mundo natural que surge da ideia de dominação completa e radical pelo homem diante de toda a criação em função de certa ambiguidade deixada pelo legado judaico-cristão.

Porém, o nosso percurso será o inverso e através do método geográfico crítico e com luz numa espiritualidade ecológica e libertadora, o que o papa Francisco está chamando de “ecologia integral”, bem como de uma vivência encarnada na perspectiva do *ethos* zeloso vamos, a partir da encíclica, *Laudato Si, sobre o cuidado da casa comum* de 2015, dentre outras referências e vivências observar a dinâmica sócio-espacial e ambiental do nosso tempo, orientados pela ideia de que “o homem é a natureza que toma consciência de si própria” entendendo sobretudo que “esta é uma descoberta verdadeiramente revolucionária numa sociedade que disso se esqueceu ao se colocar o projeto de dominação da natureza” (GONÇALVES, 2011). Dominação essa que, segundo a encíclica, vem desfigurando o planeta e as relações nele constituída

Encíclica *Laudato Si*: uma voz profética

“*Carta magna da ecologia*” assim define a encíclica *Laudato Si. Sobre o cuidado da casa comum*, do papa Francisco um dos mais importantes pensadores deste século, o franciscano Leonardo Boff; e não só isso, argumenta que todo o discurso dos ambientalistas e das agências mundiais que são mantidas para “pensar” o meio ambiente insistem em uma ecologia ambiental não estrutural, ou seja, um jogo de encenações institucionais mas que na prática servem como cortina de fumaça para as nações ricas continuarem as suas atividades predatórias, destruindo o planeta e matando a população mais pobre privando-a dos bens da terra. A encíclica reivindica uma radicalidade maior no seu discurso e inaugura a “*ecologia integral*”. Ela foi entregue no dia 18 de junho de 2015; é a segunda do papa Francisco e está estruturada em seis capítulos:

Capítulo 1 – O que está a acontecer à nossa casa. Capítulo 2 – O Evangelho da criação.

Capítulo 3 – A raiz humana da crise ecológica. Capítulo 4 - Uma ecologia integral.

Capítulo 5 – Algumas linhas de orientação e ação. Capítulo 6 - Educação e espiritualidade ecológica.

Já no primeiro capítulo o texto traz um teor grave, de forte denúncia quando nos alerta de que “*as reflexões teológicas ou filosóficas sobre a situação da humanidade e do mundo podem soar como uma mensagem repetida e vazia, se não forem apresentadas novamente a partir dum confronto com o contexto atual no que este tem de inédito para a história da humanidade*”,(17). Na prática, o que Francisco está dizendo é que muito já foi dito, modismos foram superados e alguns ainda estão sendo reproduzidos, me refiro àqueles que buscam na ecologia a fuga para suas indiferenças, àqueles que, não sendo capazes de encarar o homem e suas mazelas, como um ser dialético, buscam na natureza que julgam inerte, satisfazer a “generosa” voz do próprio ego. Efetivamente somente a consciência de que destruir os recursos que a terra nos dá é destruir a nossa própria existência pode fazer mudar essa história, a realidade histórica desenvolve-se enquanto manifestação da razão, num processo incessante de auto-superação desencadeado pelo conflito e pela contradição que lhe são inerentes (QUINTANEIRO, 2002).

Esses conflitos devem orientar a nossa consciência de que da forma como produzimos e consumimos em breve viveremos um colapso ambiental e civilizacional, a julgar pelo nosso tempo, isso não está muito longe de ocorrer. E o que este contexto atual tem de inédito? Equipamentos e tecnologias brutalmente eficazes, a transformação da técnica desde a revolução industrial, passando pelas duas guerras mundiais e o

fortalecimento do imperialismo, primeiro britânico, depois norte americano e o solapamento dos países que foram colonizados, sobretudo os países do terceiro mundo são o cartão de visitas da nova ordem mundial. Como consequências disto:

(...) O excessivo crescimento tecnológico criou um meio ambiente no qual a vida se tornou física e mentalmente doentia. Ar poluído, ruídos irritantes, congestionamento de tráfego, poluentes químicos, riscos de radiação e muitas outras fontes de estresse físico e psicológico passaram a fazer parte da vida cotidiana da maioria das pessoas. Esses múltiplos riscos para a saúde não são apenas subprodutos casuais do progresso tecnológico; são características integrantes de um sistema econômico obcecado com o crescimento e a expansão, e que continua a intensificar sua alta tecnologia numa tentativa de aumentar a produtividade. (...) A tecnologia humana está desintegrando e perturbando seriamente os processos ecológicos que sustentam nosso meio ambiente natural e que são a própria base de nossa existência (CAPRA, 2004).

Ora, precisamos entender que “os progressos científicos mais extraordinários, as invenções técnicas mais assombrosas, o desenvolvimento econômico mais prodigioso, se não estiverem unidos a um progresso social e moral na perspectiva da fraternidade e da comunhão, voltam- se necessariamente contra o homem” (4), formando um ambiente insuportável. A concepção cristã de criação do mundo por Deus, trás consigo uma responsabilidade fundamental que é a de o homem ser o “mordomo da criação” (Gênesis 1, 28), criação que gozava da mais perfeita ordem e harmonia.

O Jardim de Éden, era um paraíso preparado para o homem, no qual Deus conferiu a Adão o domínio sobre todas as coisas vivas. No princípio, homem e besta conviveram pacificamente. Os homens provavelmente não eram carnívoros e os animais eram mansos (THOMAS, 2010).

Essa liberdade e bem estar absoluto, segundo o antecessor de Francisco, o papa Bento XVI é interrompida pela degradação imposta pelo pecado que imprimiu no homem uma certa arrogância e cegueira fazendo-o esquecer-se que “o homem não é apenas uma liberdade que se cria por si própria. O homem não se cria a si mesmo. Ele é espírito e vontade, mas é também natureza”. Com o pecado e a conseqüente expulsão do Éden, que representa uma estrutura integral entre homem e mundo natural e geográfico, essa relação se modificou e a criação, juntamente com o homem foram desfigurados. Os gregos chamavam essa “estrutura integral, homem-mundo natural de *ethos*.

Sendo assim, esse ainda pode ser um horizonte possível. Podemos sim reviver essa experiência do ser que se encontra na natureza de forma completa, que vivencia sua

expectativa em seu *habitat*, nosso horizonte, o nosso retorno á casa comum ecológica mas que no final é também um retorno ontológico. Todos esses sinais: caracterização do avanço do “progresso”, transformação das técnicas, necessidade de um discurso afinado com a práxis e urgência na conscientização, fazem da *Laudato Si* uma verdadeira voz profética num mundo em que a degradação ambiental avança a passos largos.

É hora de cuidarmos da casa comum!

Francisco identifica essa farsa retórica das agências e movimentos ditos “ambientais” e passa a caracterizar os sinais de um tempo degradado pela ganância e arrogância, de um sistema que não se sustenta sem destruir e privar, para isso se vale de uma interrogação que é na verdade uma provocação: *o que está a acontecer à nossa casa comum?* Essa espécie de grito a uma consciência ecológica fora ouvido também no século primeiro pelo Apóstolo Paulo de Tarso que falando aos romanos, na época, império absoluto do mundo conhecido, os adverte dizendo:

A ardente expectativa da criação aguarda a revelação dos filhos de Deus. Pois a criação está sujeita à vaidade, não voluntariamente, mas por causa daquele que a sujeitou, na esperança de que a própria criação será redimida do cativeiro da corrupção, para a liberdade da glória dos filhos de Deus. Porque sabemos que toda a criação, a um só tempo, geme e suporta angustias até agora. (Romanos 8:19-22)

Essa expectativa de uma consciência ambiental que tomasse o restante da “criação” e/ou do mundo natural para a posteridade, como casa comum e que a redenção de um seria a própria redenção do outro é constante entre os profetas do antigo Israel também. No entanto, o que se busca não é interromper o suposto “progresso” ou a chamada “evolução”, mas há uma urgente reflexão a se fazer. Nunca na história da humanidade o homem poluiu tanto o planeta; porque nunca antes o homem produziu tanto e de forma tão efêmera, também consumiu. Sabemos que embora a mudança faça parte da dinâmica dos sistemas complexos, a velocidade que hoje lhe impõem as ações humanas contrasta com a lentidão natural da evolução biológica (18). Velocidade essa que carrega consigo a ilusão da eternidade, da autossuficiência. Os indivíduos não são coisas estáveis. Eles são efêmeros. (DAWKINS, 2007). Porém, fixos no fluxo da vida, na economia da natureza que se esforça para manter-se viva, numa luta cotidiana.

Os organismos individuais não somente se adaptam ao ambiente físico, mas, mediante a sua ação conjunta nos ecossistemas, também adaptam o ambiente

geoquímico segundo as suas necessidades biológicas. Dessa maneira as comunidades de organismos e os seus ambientes de entrada e saída desenvolvem-se em conjunto, como os ecossistemas. A química da atmosfera e o ambiente físico fortemente tamponado da Terra são completamente diferentes das condições reinantes em qualquer outro planeta do nosso sistema solar, fato que levou a *Hipótese Gaia*, a qual sustenta que os organismos, principalmente os microrganismos, evoluíram junto com o ambiente físico, formando um sistema complexo de controle, o qual mantém favoráveis à vida as condições da terra. (LOVELOCK, 1979 in ODUM, 2013).

A natureza tem o seu tempo e nós somos natureza. Sofremos junto com o planeta as contradições de um progresso que, longe de buscar a satisfação e o bem-estar da humanidade e do ecossistema num desenvolvimento justo e integral de cada biodiversidade, é orientado na prática, ao lucro desenfreado, ao esgotamento das reservas naturais e ao colapso bioecológico do planeta. “Na realidade a tecnologia, que, ligada à finança, pretende ser a única solução dos problemas, é incapaz de ver o mistério das múltiplas relações que existem entre as coisas e, por isso, às vezes resolve um problema criando outros”. (20)

A violência, que está no coração humano ferido pelo “pecado”, vislumbra-se nos sintomas de doença que notamos nos solos, na água, no ar e nos seres vivos (3), porque os progressos científicos mais extraordinários, as invenções técnicas mais assombrosas, o desenvolvimento mais prodigioso, se não estiverem unidos a um progresso social e moral, voltam-se necessariamente contra o homem (3). Não porque a natureza “se vinga” como está no imaginário popular, mas porque todas as coisas têm o seu lugar, a sua forma e em certa medida sua função no sistema mundo.

Quando este progresso se dá sem levar em conta o cuidado, na direção de um *ethos zeloso* (SANTOS JR, 2016.), contribuímos com uma série de contradições que observamos em nosso tempo como o problema das mudanças climáticas: o impacto mais pesado dessas alterações recai sobre os mais pobres (26); a contaminação e o esgotamento dos lençóis freáticos que culminam na escassez da água com a seca dos rios, o que termina privando os pobres do acesso a esta. Isso significa negar-lhes o direito à vida radicado na sua “dignidade inalienável” de ser humano (30). Quando se busca o lucro pelo lucro e a propriedade privada do bem comum, a contradição se instaura e a desigualdade passa a ser característica deste tipo de sociedade, as consequências disto são discutidas desde o século XVIII.

Quantos crimes, quantas guerras, quantos assassinatos, quantas misérias,

quantos horrores poderia ter evitado ao gênero humano aquele que, arrancando as estacas ou cobrindo o fosso, tivesse gritado aos seus semelhantes: Cuidai-vos de escutar esse impostor; se esquecerdes que os frutos são de todos e a terra não é de ninguém, estareis perdidos! (ROUSSEAU, 1991).

O “fazer” ambiental

A urgente necessidade de preservação da biodiversidade é o exercício do cuidado; os nossos filhos não poderão ver as muitas espécies extintas (33); nessa dinâmica identificamos historicamente uma “dívida ecológica” (51), sobretudo dos países do norte em relação aos do sul do mundo, em vista de todo processo de colonização e dominação que se deu com a extração generalizada dos recursos naturais o que torna a responsabilidade dos países desenvolvidos maiores (52).

A dívida ecológica à subvalorização atual dos recursos naturais (os hidrocarbonetos, as matérias primas) que subvencionam e financiam o desenvolvimento agrícola e industrial do Norte. Desta maneira, o petróleo barato do Sul subsidia a agricultura capitalista do Norte, criando um círculo perverso que desloca a agricultura de subsistência das zonas rurais do Terceiro Mundo, que gera os sem-terra e a perda de saberes tradicionais. (...) As novas inversões de capitais aparecem como verdadeiras inversões térmicas: o crescimento econômico destrói as riquezas biológicas incrementando o aquecimento global do planeta (LEFF, 2013).

O que se vê a despeito desse contexto preocupante é uma corrida armamentista insana e irresponsável que coloca a evolução da técnica e da ciência em jogo ao perguntarmos: Qual o sentido de tudo isso? Qual o papel da ciência nesta realidade? Será que o dito “progresso” é evolução ou devolução? A ciência e a religião, que fornecem diferentes abordagens da realidade, podem entrar num diálogo intenso e frutuoso para ambas (62). Se tivermos presente a complexidade da crise ecológica e as suas múltiplas causas, deveremos reconhecer que as soluções não podem vir de uma única maneira de interpretar e transformar a realidade (63). Se todas as pessoas de bem e conscientes da sua constituição natural pensam no cuidado e na preservação dos ambientes em que vivem, os cristãos, em particular, advertem que a sua tarefa no seio da criação e os seus deveres em relação à natureza e ao Criador fazem parte da sua fé. (João Paulo II, *Mensagem para o Dia Mundial da Paz de 1990*, 15).

A tradição cristã ensina que a criação foi desejo do próprio Deus que ao final “viu que tudo o que havia feito era bom” (Gn. 1:31). A relação e a dignidade que a criação tem

com o seu Criador é de amor, pode-se pensar se possível, numa espécie de necessidade em Deus de criar o mundo e o homem para seu gozo, sua satisfação existencial tão maravilhosa é a criação que brota desse sentimento. As “leis” que regem a natureza, o equilíbrio dos seus agentes e a auto- preservação fundamental, tudo isso nos impressiona e nos faz ter consciência mais que perfeita que tudo tem uma razão de ser, o acaso não explica a dinâmica da natureza.

A Tradição Ecológica Franciscana

“Altíssimo, onipotente, bom Senhor, teus são o louvor, a glória, a honra. Só a ti, Altíssimo, são devidos, e homem algum é digno de te mencionar. Louvado sejas, meu senhor, com todas as tuas criaturas, especialmente o senhor, irmão Sol, que clareia o dia e com sua luz nos alumia. Ele é belo e radiante, com grande esplendor. De ti, Altíssimo, é a imagem. Louvado sejas, meu Senhor, pela irmã Lua e as estrelas, que no céu formaste claras e preciosas e belas. Louvado sejas, meu Senhor, pela irmã água, que é muito útil e humilde, e preciosa e casta. Louvado sejas, meu Senhor, por nossa irmã, a mãe Terra, que nos sustenta e governa e produz frutos diversos e coloridas flores e ervas. Louvado sejas, meu Senhor, pelo irmão fogo, pelo qual iluminas a noite e ele é belo e jucundo e vigoroso e forte. Louvado sejas, meu Senhor, pelos que perdoam por teu amor e suportam enfermidades e tribulações. Bem-aventurados os que as sustentam em paz, que por ti Altíssimo, são coroados. Louvai e bendizei o Senhor e dai-lhe graças e servi-o com grande humildade”. (Francisco de Assis – Cântico das criaturas, 1225).

Em 1979 o Papa João Paulo II nomeou São Francisco de Assis “padroeiro celestial daqueles que promovem a ecologia”. São Francisco nasceu em 1181/1182, em Assis, na Itália, seu nome de batismo era João seu pai porém, mudou para Francisco, pois era comerciante e viajava muito à França, mudando o nome do filho em homenagem ao local que fazia bons negócios. Em 1198 acontece um conflito em Assis, entre a nobreza e os comerciantes. Os nobres se refugiaram em Perugia uma pequena cidade próxima de Assis, onde São Francisco ficou preso por um ano até o ano de 1204. Voltando a Assis, Francisco doente, começa sua conversão gradual, dedicando-se a dar esmolas oferecendo até suas roupas aos pobres; tem visões e começa a desprezar o dinheiro e os bens materiais. Até que se encontra com um leproso, lhe dá esmola e um beijo. Certo dia, nas ruínas da igreja de São Damião, recebeu do crucificado a ordem de restaurar a Igreja.

Francisco nutria um amor apaixonado ao que ele chamava de criação de Deus; nessa experiência contemplativa e sensorial ele irradiava espiritualidade ecológica, gastando horas e horas caminhando e observando a dinâmica da natureza em seus mais ínfimos organismos que, para ele no entanto, eram fundamentais.

Francisco tinha uma visão da criação como sacramental e encarnada. Pois Deus havia encarnado na pessoa de Jesus Cristo que era seu filho (João 1:14). Assim, Francisco sentia a presença divina em meio às coisas que Deus criou, por isso essa perspectiva sacramental da criação. Esta espiritualidade de Francisco acabou influenciando o papa João Paulo II, na sua Encíclica *Evangelium Vitae* (83), em que o autor louva “*um olhar contemplativo*” de “*quem não pretende apoderar-se da realidade, mas, que acolhe como um dom, descobrindo em todas as coisas o reflexo do criador e em cada pessoa a sua imagem viva*” (83).

No caminho de Francisco, os Franciscanos se mantêm ativos numa atuação firme em torno do debate ecológico; com ações concretas, participando de encontros internacionais e ensinando às gerações o cuidado da irmã Terra. Essa tradição franciscana é um resgate que a igreja concebeu pois a muito a perspectiva ecológica havia se perdido do pensamento cristão muito influenciado por Aristóteles para quem a “natureza não fez nada em vão e tudo teve um propósito. As plantas foram criadas para o bem dos animais e esses para o bem dos homens”. Ainda na filosofia antiga, agora de orientação helenística, “os estoicos tinham ensinado a mesma coisa: a natureza existia unicamente para servir os interesses humanos” (THOMAS, 2010, p. 21). No relato do Gênesis, o jardim de delícias (Éden) havia sido preparado para o homem e Deus havia dado a Adão domínio supremo sobre todas as coisas, tudo parecia estar bem até que o homem rompe uma aliança de obediência com o Criador:

Os homens provavelmente não eram carnívoros e os animais eram mansos. Mas com o pecado e a Queda a relação se modificou. Ao rebelar-se contra Deus, o homem perdeu o direito de exercer um domínio fácil e incontestado sobre as outras espécies. A terra degenerou. Espinhos e cardos nasceram onde antes existiam apenas frutos e flores (Gn. III, 18). O solo fez-se pedregoso e árido, tornando necessário um trabalho árduo para o seu cultivo. Apareceram pulgas, mosquitos e outras pestes odiosas. Vários animais livraram-se da canga, passando a ser ferozes, guerreando uns com os outros e atacando o homem (THOMAS, 2010, p. 22).

Para a tradição cristã o pecado mudou completamente a forma do homem enxergar

as coisas. Havia como que uma sombra sobre os seus olhos o que impedia que este enxergasse a realidade perfeita que Deus havia criado (ICor 13:12). Então, diferente do que Francisco resgatou no século XII, os animais e as plantas e os outros entes naturais não eram mais vistos como “irmãos/irmãs e sim, como algo que deveria estar ao dispor soberano do homem.

A Ética do Cuidado

Vivemos numa etapa da humanidade em que a ética foi substituída pela técnica, o homem tem a liberdade e o poder de agir mas também tem a responsabilidade de preservar o ser que se eleva como valor e condição para que a liberdade continue a ter o seu suporte - a existência do ser (FERNANDES, 2002, p. 18). Esta é a perspectiva integral na discussão do papa. Esta existência não pode ser em detrimento do meio natural em que se vive e sim, numacomunhão de respeito e cuidado. A ética do cuidado deve permear as nossas relações, pois cuidar é mais que um ato, é uma atitude (BOFF, 1999, p 54.). A dimensão do cuidado é intrínseca a nós seres humanos e até mesmo aos outros seres do sistema mundo. Quem nunca viu uma onça proteger radicalmente seus filhotes? Ou uma leoa providenciando alimentos para as crias? Quem nunca sentiu a dimensão do cuidado ao se proteger debaixo de uma árvore frondosa em dias de insolação intensa? Não é somente sentir e sim direcionar as nossas vidas para essa realidade cotidiana.

Importa fazer a fenomenologia do cuidado. Por fenomenologia entendemos a maneira pela qual qualquer realidade, no caso o cuidado, se torna um fenômeno para nossa consciência, se mostra em nossa experiência e molda a nossa prática. Nesse sentido não se trata de pensar e falar sobre o cuidado como objeto independente de nós. Mas de pensar e falar a partir do cuidado como é vivido e se estrutura em nós mesmos. Não temos cuidado. Somos cuidado. Isto significa que o cuidado possui uma dimensão ontológica que entra na constituição do ser humano. É um modo-de- ser singular do homem e da mulher. Sem cuidado deixamos de ser humanos (BOFF, 1999).

Essa atitude requer inteligência e sensibilidade, o progresso humano autêntico possui um caráter moral e pressupõe o pleno respeito pela pessoa humana, mas deve prestar atenção também ao mundo natural (6) e ter em conta a natureza de cada ser e as ligações mútuas entre todos, num sistema ordenado (JOÃO PAULO II. p. 34).

Neste final de século de tamanho desenvolvimento científico e tecnológico o ser humano está aberto à responsabilidade e ao risco, é chamado a dar-se conta

de si e da sua descendência a mostrar respeito pela totalidade do mundo natural e a tornar-se por tudo isso - não no idealismo da consciência mas na escola do agir - guardião do próprio ser. (HANS JONAS In FERNANDES, 2002).

A tradição cristã vê no homem uma responsabilidade original perante a criação pois entende que mediante a experiência do Éden, o Criador tomou ao homem e o colocou no jardim para o cultivar e guardar (Gn. 2:15). Cultivar a terra e protegê-la; esta é a missão original da raça humana, sem o cuidado deixamos de ser humanos. Um modo de ser não é um novo ser. É uma maneira do próprio ser de estruturar-se e dar-se a conhecer. O cuidado entra na natureza e na constituição do ser humano. O modo-de-ser cuidado revela de maneira concreta como é o ser humano (BOFF, 1999, p. 72).

Por outro lado, a degradação ambiental e a destruição de seus recursos, causadas pelo processo de crescimento e globalitarismo econômica que, mascaradas hoje em dia pelo propósito de um “desenvolvimento sustentável”, estiveram associadas à desintegração de valores culturais, identidades e práticas produtivas das sociedades tradicionais (LEFF, 2013 p.327). A tarefa nossa, neste contexto é buscar formas e estratégias eficientes para se viver outras experiências.

Em momento de crise planetária nas relações entre sociedade e natureza, novas epistemologias e práticas são necessárias para dirimir os grandes problemas socioambientais contemporâneos que são da mesma intensidade e origem da crise capitalista atual. Pensamos que o conceito de *ethos* pode servir como elo teórico para a compreensão de novas relações entre técnica e espaço geográfico e, sobretudo, indicar noções éticas e ontológicas de integração entre sociedade e natureza (SANTOS JR. PROST, 2017).

Esse *ethos* etimologicamente trás consigo a ideia grega de lugar, o lugar é o território onde a sustentabilidade se enraíza em bases ecológicas e identidades culturais (LEFF, 2013 p. 340). Racionalidade ambiental passa, necessariamente por essa georeferencialidade que atualizará os sentido e as coisas ao nosso redor, nesse caso, atualmente esse ambientalismo radical e libertário visa a construção de uma forma de habitar zelosamente, mas que se coadune com as demandas e pressões do tempo presente. Ainda assim, esse compromisso ético assinala para o alargamento, ou melhor, para a desaceleração da temporalidade medida pelos ritmos desenfreados da civilização técnico- científica-informacional contemporânea (SANTOS JR. 2015, p. 140). Para cuidar do planeta precisamos todos passar por uma alfabetização ecológica e rever nossos hábitos de

consumo. Importa desenvolver uma ética do cuidado (BOFF, 1999, p.134, em direção á uma ecologia integral e definitiva.

Considerações finais

No desenvolvimento da racionalidade capitalista a irracionalidade se converte em razão: razão como desenvolvimento frenético da produtividade, como conquista da natureza, como incremento da riqueza de bens; mas irracional, porque a alta produção, o domínio da natureza e a riqueza social se convertem em forças destrutivas(MARCUSE in LEFF, 2013). O que essas ideias tentam mostrar é que a perspectiva de uma ecologia integral que não pense o homem apenas do ponto de vista ambiental, mas também como sujeito que produz e que consome, nesse caso, cada vez mais e, futilmente conduzirá, todos sem exceção ao colapso. Recentemente em uma saída de campo na disciplina de geografia das redes observei, primeiro perplexo e depois bastante preocupado que os rios que antes corriam fortes sua corrente, hoje, ou secaram ou lutam para continuar existindo em seus últimos níveis. A ecologia integral é o último grito do homem e do meio natural, após isso é o caos, o deserto, a seca, a infertilidade; a desagregação.

Nunca é demais insistir que tudo está interligado. O tempo e o espaço não são independentes entre si; nem os próprios átomos ou as partículas subatômicas se podem considerar separadamente. Assim como os vários componentes do planeta – físicos, químicos e biológicos – estão relacionados entre si, assim também as espécies vivas formam uma trama que nunca acabaremos de individualizar e compreender (Enc. Laut. Si. Francisco PP, 138).

A consciência da casa comum deve orientar o nosso debate daqui pra frente; consciência integral que veja o homem como mais um organismo que constitui o sistema mundo.

Referências

BENTO XVI. *Discurso ao Bundestag*, Berlim (22 de Setembro de 2011): AAS 103 (2011), 664; *L'Osservatore Romano* (ed. portuguesa de 24/IX/2011), 5.

BOFF, Leonardo. *Saber cuidar. Ética do humano – compaixão pela terra*. Rio de Janeiro. Petrópolis. Vozes, 1999.

CAPRA. Fritjof. *O ponto de mutação*. São Paulo. Cultrix, 2004.

FRANCISCO PP. *Laudato Si: sobre o cuidado da casa comum*. Vaticano, 2015

GONÇALVES, Carlos Walter Porto. *Os (des)caminhos do meio ambiente*. São Paulo: Contexto, 2011.

FERNANDES, Maria de Fátima Araújo. Artigo. *O Princípio Responsabilidade*. Hans Jonas *Em busca dos fundamentos éticos da educação contemporânea*. 2002.

JOÃO PAULO II. *Carta Encíclica Evangelium Vitae*. Vaticano, 1995.

JOÃO PAULO II, *Carta encíclica Sollicitudo rei socialis* (30 de Dezembro de 1987).

LEFF, Enrique. *Saber ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder*. 10. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro. Vozes, 2013.

MARTINEZ, Rogério. *Contato geografia*. 1 ed. São Paulo. Quinteto Editorial, 2016.

ODUM, Eugene P. *Ecologia*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2013.

QUINTANEIRO, Tania. *Um toque de clássicos*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*. São Paulo: Nova Cultural, 1991 – (Os Pensadores; 6).

SANTOS JR. Severiano José. PROST, Catherine. Artigo. *Ethos zeloso e espaço geográfico. Relação dialógica entre técnica e ética a partir da visão indissociável entre natureza e sociedade nas ecovilas genuínas*. 2017.

SANTOS JR., Severiano José dos. *Zelosamente habitando a Terra*. Ecovilas genuínas, espaço geográfico e a construção de lugares zelosos em contextos contemporâneos de fronteiras paradigmáticas. 443 f. il. Tese (Doutorado) – Instituto de Geociências, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

THOMAS, Keith. *O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e os animais (1500-1800)* – São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

